

A Estrutural depois da derrubada

Um dia depois do confronto entre polícia e invasores, poucos soldados circularam na área que será administrada por militar

Philio Terzakis
Da equipe do **Correio**

Nas mãos, pedaços de pau e canos. Na cabeça, um capuz improvisado com a própria camiseta. Em meio à poeira e sob o sol quente, cinco garotos brincavam na manhã de ontem na Invasão da Estrutural. Divertiam-se com uma versão atualizada da antiga brincadeira *polícia e ladrão*. Brincavam de *polícia e invasor*. As regras do jogo eles haviam aprendido no dia anterior.

Os cinco assistiram ao confronto entre 1,7 mil policiais militares e invasores, na manhã de quinta-feira, quando 400 novos barracos foram derrubados. A Polícia Militar combateu a resistência dos moradores com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral. Durante o conflito, oito pessoas ficaram feridas.

"A gente é a polícia", dizia Alessandro Aquino Rocha, 10 anos, apontando para Jardel Costa Barros, 8. "E a gente somos os invasores. Eles têm que expulsar a gente", completou Zenilton Aquino Rocha, 12 anos, o *Hulk*, que parecia comandar a brincadeira. Ao lado dele, Josinei Bernardo Araújo, 12, e Jonatan Costa Barros, 9, reforçavam a explicação.

Enquanto o grupo brincava, dezenas de moradores se reuniram em frente à sede da Associação de Moradores da Estrutural (Asmoes). O clima ainda estava tenso. Revoltados, eles criticaram a ação da Polícia Militar e do governador Cristovam Buarque.

CERCADO

Pelo menos duas famílias reconstruíram o barraco na mesma área. Até que foi fácil. O policiamento nem se comparava ao do dia anterior. Em lugar dos 1.700 homens, apenas alguns carros da polícia cruzavam as ruas empoeiradas da invasão de vez em quando.

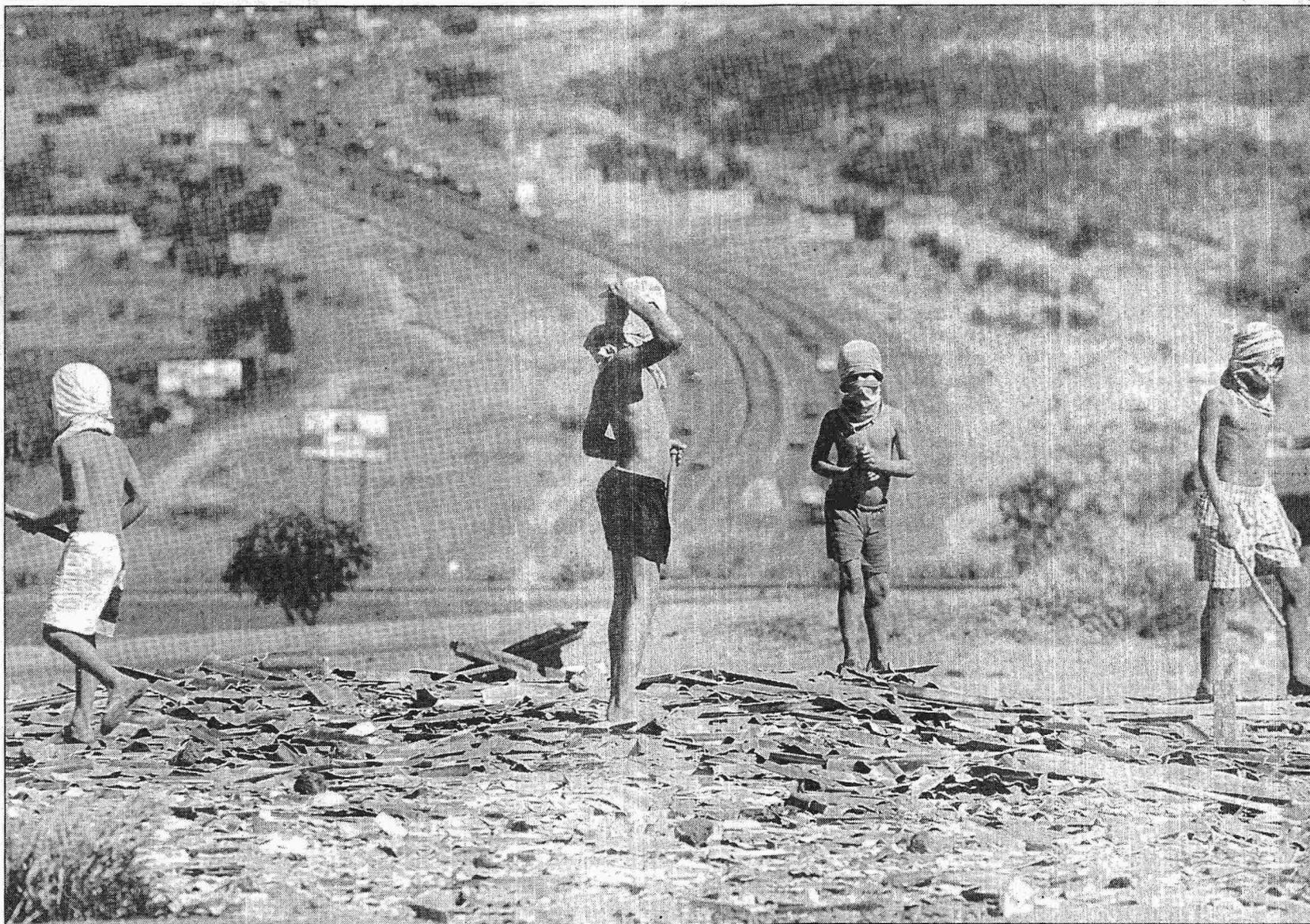
Marina Gomes da Silva, 61 anos, construiu um cercado com restos de madeirite, onde abrigou o filho deficiente mental, Ivanildo, 23 anos, e a velha mobília. Juntamente com a filha Neiderlan, 20 anos, os dois passaram a noite no relento. "Não temos para onde ir", afirmou, ao mesmo tempo em que se dividia na tarefa de catar feijão e afastar as moscas do rosto do filho.

A família de Damião Pereira Silva, 9 anos, descobriu um lugar melhor para reconstruir o barraco, longe das margens da pista, atrás dos barracos mais antigos, onde os invasores acreditam que ficam mais escondidos. O pequeno foi encarregado de levar madeirite para lá, em um carrinho de mão. "Foi minha mãe que pediu", contou.

TROFÉU

Os hematomas viraram troféu na pele da vice-presidente da Associação de Moradores da Estrutural (Asmoes), Marlene Mendes. Ela ganhou as manchas roxas quando resistiu à prisão e foi arrastada pelos cabelos por policiais. Marlene foi acusada de estimular a violência e desacatar policiais. Mas foi solta no mesmo dia depois de pagar fiança de R\$ 100.

Carlos Eduardo



Crianças brincam de polícia e invasor um dia depois do confronto entre 1,7 mil soldados da PM e moradores incitados pela líder Marlene Mendes

Empolgada pelo apoio da comunidade, ela chegou a afirmar que os invasores não irão aceitar a presença do administrador militar designado pelo governador do Distrito Federal para a área. "Um administrador tem que ser escolhido pelo voto e não imposto", acredita a invasora. Ela negou ter provocado a reação

violenta dos invasores, que apedrejaram os policiais. "A reação foi natural. Eu é que fui retirada covardemente pela polícia", acusou.

Entretanto, nem todos os invasores aceitam a atitude da líder. O comerciante Laurindo Ferreira, 40 anos, admitiu que Marlene convocou os moradores para resistir à po-

lícia. "E só tinha especulador no lugar. Se tivesse umas dez famílias precisando, seria muito. Até na invasão velha, tem barraco fechado de especulador", denunciou.

A líder dos invasores se enrola na hora de explicar por que permitiu a construção dos novos barracos. Seu raciocínio é tortuoso. Primeiro, diz

que a culpa é do PT. "Quem invadiu aquela área foi gente do PT para atrapalhar a Invasão da Estrutural", afirma. Então, por que a violenta defesa, já que Marlene é cria do PMDB (partido de oposição)? Nem ela sabe responder. Gagueja: "O problema é que o governo não nos avisou que ia tirar só aqueles barracos".